

V CONFERÊNCIA DO EPISCOPADO DA AMÉRICA LATINA E DO CARIBE

*Aloísio Cardeal Lorscheider**

1. Para se introduzir bem a V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e caribenho, é importante ter diante dos olhos o que foi realizado até agora, a saber, *quatro Conferências Gerais e um Sínodo para a América*.

1.1. a do *Rio de Janeiro* de 25 de julho a 4 de agosto de 1955. Sua nota característica é a defesa da fé. Maiores preocupações são: a escassez de padres; a pastoral vocacional em ordem à vocação de padres; a pouca instrução religiosa do nosso povo (a ignorância religiosa); a justiça social em seu aspecto de relação entre capital e trabalho; e a integração da população indígena dentro da nação brasileira;

1.2. *Medellín* (Colômbia) de 26 de agosto a 4 de setembro de 1968. Sua característica é a aplicação do Vaticano II à América Latina, tendo como tema a Igreja na atual transformação da América Latina, à luz do Concílio. Sua preocupação fundamental: descoberta de um sub-mundo, de uma vida sub-humana; a injustiça institucionalizada existente na América Latina com a explosão da violência. Sente-se a necessidade de *libertação*, que se torna a palavra chave de Medellín;

1.3. *Puebla* (México) de 27 de janeiro a 13 de fevereiro de 1979. Sua característica e a aplicação da Exortação Evangelii Nuntiandi de Paulo VI (8 de dezembro de 1975) à situação latino-americana; Evangelização no presente e no futuro da América

Latina. Sua preocupação: comunhão e participação em ordem à libertação.

Em Medellín os bispos diziam: “Não teremos um Continente novo, sem novas e renovadas estruturas, e sobretudo não haverá Continente novo sem homens novos que à luz do Evangelho saibam ser verdadeiramente livres e responsáveis” (doc. sobre a Justiça, B, 3). Em Puebla os bispos diziam: “É necessário criar no homem latino-americano uma sã consciência social, um sentido evangélico face à realidade, um espírito comunitário e um compromisso social. Tudo isto tornará possível uma participação livre e responsável, em comunhão fraterna e dialogante, para a construção de uma nova sociedade, verdadeiramente humana, penetrada de valores evangélicos” modelado em comunhão com o Pai, o Filho e o Espírito Santo (Quinta Parte. Sob o dinamismo do Espírito Santo. Opções pastorais, nº 1308).

A palavra chave em Puebla ficou sendo *Comunhão e Participação*;

1.4. *Santo Domingo* (Rep. Dominicana) de 12 de outubro a 28 de outubro de 1992. Três as preocupações: Nova Evangelização, Promoção Humana e Cultura Cristã. Como luz a iluminar a Conferência: “Jesus Cristo ontem, hoje e sempre” (Hebr 13, 8).

A palavra chave ficou sendo a *inculturação do Evangelho*.

1.5. *Sínodo para a América* (Roma) de 16 de novembro a 12 de dezembro de 1997. A preocupação deste Sínodo foi o encontro com Jesus Cristo vivo, caminho para a conversão, a comunhão e a solidariedade na América. Houve três palavras-chave: conversão, comunhão, solidariedade. No que mais se insistiu, foi sobre *solidariedade*. O material do Sínodo foi recolhido na Exortação Apostólica “*Ecclesia in América*” de 22 de janeiro de 1999.

2. A V Conferência está prevista para se realizar em Aparecida-SP, no mês de maio de 2007. O tema, e por isso, a preocupação: Discípulos e missionários de Jesus Cristo para que nele nossos povos tenham vida. A luz que ilumina o todo é a

palavra bíblica: “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14, 6).

O documento de preparação que o CELAM apresenta, consta de cinco capítulos e três anexos.

3. É necessário que cada um de nós, levado pela colegialidade episcopal, que toca todo o Corpo da Igreja, nos esforcemos em manifestar a nossa opinião e o que pensar e fazer diante da realidade que vivemos. É preciso com *olhar pastoral* penetrar na realidade do nosso dia a dia. É preciso, como diz Puebla, nº 2, examinar, com visão de pastores o contexto em que a Igreja realiza sua missão. Não somos técnicos, mas pastores. Devemos marcar presença com as nossas reflexões e sugestões.

4. O documento de preparação contém muitos pontos positivos, mas falta-lhe certa lógica. Mistura os vários elementos, de sorte que o seu pensamento não é muito claro. O método mais indicado é sempre o *ver*, o *judgar* e o *agir*.

5. *O Ver (a realidade)*

Os *desafios*, que a realidade hoje nos apresenta, encontram-se sobretudo no cap. IV. Digo sobretudo, porque parte também se encontra no cap. III, nº 83-88. Para mim, os maiores desafios são principalmente *quatro*: - o secularismo; - o relativismo filosófico, dogmático e ético; - o consumismo; - o desenraizamento.

5.1. *O secularismo*

Coloca a Deus de escanteio. Ele não tem nada a dizer para a sociedade (diferente da *secularização*, que é a autonomia relativa das realidades terrestres). Deus é *descartado*. É um dos muitos *descartáveis*. Não tem valor para a sociedade. Se existe ou não, não interessa. Interessa só quem produz e consome.

5.2. *O relativismo*

É a negação de todo *absoluto*. Tudo o que existe é relativo. O que é verdade hoje, pode não ser verdade amanhã; o que é princípio hoje, pode não ser princípio amanhã. Tudo depende das circunstâncias e dos interesses das pessoas. É o *imediate* que conta.

O transcendente não interessa, não tem nada a nos dizer. O relativismo já é uma consequência de um Deus descartável.

5.3. *O consumismo*

Quem conta para a sociedade é o homem que produz e consome. Quanto mais bens se produzirem, mais bens se devem consumir. A produção e o consumo estão estreitamente ligados entre si. Produz-se para consumir e aqui também o ser humano só vale enquanto produz e pelo que produz, enquanto consome e pelo que consome. Caso contrário, o ser humano também perde o seu sentido. É também *descartável*.

Se se observar bem os três desafios elencados, encontramos-nos diante de dois pólos: DEUS e o SER HUMANO. Se coloco Deus à margem, eu o descarto, não vendo n'Ele nenhum sentido para a vida, para a sociedade, também coloco o ser humano à margem, descarto-o. Há poucos anos iniciou-se um movimento chamado da *morte de Deus*. Na época era mais a morte de certa imagem de Deus, de certa representação de Deus. Hoje, porém, a morte de Deus é morte verdadeira; não se precisa preocupar com Ele; pode ignorá-lo. Ele não produz nem consome.

Ora, a morte de Deus significa também a morte do ser humano. O ser humano só tem sentido enquanto produz e consome. Tem, de fato, só sentido *funcional*. Deixou de ter função, ele é descartável. É por aí que entra o pouco caso pelo aposentado; o melhor seria, neste modo de pensar, que o ser humano idoso, desaparecesse. Não tem mais sentido para a vida. É por aí também que entra a *eutanásia*, praticada em alguns países hoje, tendência que se tende a espalhar. Morto Deus, mata-se também o ser humano logo que perdeu o sentido para a vida da sociedade.

Como se vê, é uma visão materialista da vida. É, no fundo uma visão *pragmatista, utilitarista*, do ser humano. Ser humano sem função, sem produção, sem consumo, é ser humano descartável!

É a mensagem que transmitem constantemente os meios de comunicação social por meio das propagandas, das novelas e do

próprio jogo de futebol. E junto com esta visão pragmatista, a visão *hedonista*: gozar a vida ao máximo, enquanto ainda somos jovens e temos força vital dentro de nós. Uma vez idosos, não temos mais sentido para existir!

Por detrás de toda esta mentalidade, encontra-se também a ânsia de *enricar, de fazer dinheiro*, pois quem tem dinheiro pode dispor de tudo o que deseja. Quanto mais dinheiro, mais possibilidades de consumir ele tem. Quem observa bem os programas dos meios de comunicação social, percebe como eles vivem vomitando dinheiro. Se no tempo do iluminismo (séc.18 e ss.) a *razão* era tudo, tanto que foi entronizado no altar de Notre Dame em Paris, hoje não é mais a deusa razão, mas o deus *dinheiro* que deve ser entronizado. Vivemos ao máximo a ganância, a avareza, que, é, no dizer de São Paulo, idolatria (Col 3, 5).

5.4. *O desenraizamento ou desarraigamento*

As pessoas perdem as *suas raízes*. Raízes em pessoas, em convicções, em lugares queridos (a sua terrinha), em tradições, em costumes, na história do seu povo e de sua pátria. Isto produz insegurança, desconcerto, angústia, a pessoa se vê perdida. O *relacionamento* que a pessoa tem com outra pessoa, com a sua terra, os seus costumes, as suas tradições, as suas convicções, dão *personalidade*. Estar aberto para os outros conhecidos, sentir-se em casa, qualificam a pessoa. A auto-estima, a identidade cultural, as raízes humanas de toda a nossa existência, são fundamentais em todo o nosso ser e agir. A enorme mobilidade do mundo atual, as migrações e imigrações, poderiam favorecer um crescimento em humanidade, de fato afetam profundamente a *vida religiosa* das pessoas. São peixes fora da água, e num momento de depressão, de estresse, de abandono, agarram-se a toda tábua de salvação que aparece.

5.5. *Neste conjunto de desafios joga um papel importante a globalização*. Ela favorece uma acelerada integração entre os povos e os países do mundo, incidindo fortemente no âmbito da economia e do trabalho, do comércio e das finanças internacionais, das comunicações e das culturas do planeta. Incide em quase todos os

âmbitos da vida humana. A origem da globalização está nos avanços feitos e que continuam a se fazer, no campo da ciência, da tecnologia, da educação, da informática e do mercado livre, e pelos grandes centros de poder político e econômico. Provoca mudanças que afetam a todos, e chegam até o interior das pessoas, até seu sentir, seu pensar, seus costumes. Cria, na realidade, uma nova cultura. Cultura infelizmente eivada de materialismo, materialismo imanentista e economicista. Mede tudo em termos de eficiência e relações de poder e de mercado. Seria necessário humanizar a globalização e globalizar a solidariedade.

5.6. Além desses desafios, e conexos com eles, temos muitos outros, quais, os grupos indígenas, os afro-descendentes, as mulheres, desempregados, mendigos, meninos de rua, anciãos e muitos outros que não têm acesso ao mínimo necessário para uma vida digna. Os rostos destas pessoas, vivendo em pobreza desumana, comovem e nos interpelam.

Temos também os ataques à vida humana (produção de embriões humanos para fins terapêuticos - aborto - eutanásia), enfraquecimento da família, campanhas antinatalistas, políticas totalitárias dos governos, a tendência “laicista”, a má distribuição de bens, a ameaça ao meio ambiente, as leis férreas do mercado livre, as desigualdades entre os que possuem o capital, o dinheiro, a informação, e os mais pobres, principalmente em informação, habilidades, técnica e conhecimentos, a pastoral urbana, agressividade contra a Igreja Católica e a proliferação de outras Igrejas e Religiões.

6. Diante desses desafios o que podemos dizer? *É o julgar*

Será que Deus é mesmo descartável? E a pessoa humana, feita à imagem e semelhança de Deus, não passa de um produtor e consumidor? Não existe nada absoluto? Não existem princípios imutáveis? A falta de ética firme, estável, imutável, não prejudica a humanidade? É lícita a corrupção? A agiotagem (usura)? A solidariedade é ou não uma exigência dos seres humanos? Basta a justiça ou não se deve também pensar no amor a Deus e aos outros (cf. Carta Encíclica “*Deus Caritas Est*” do Papa Bento XVI, Roma

25 de dezembro de 2005)? Quem, no plano criador e salvador de Deus, deve tornar o mundo mais humano e mais habitável? Os ataques à Igreja Católica e às outras Igrejas Cristãs e Religiões não têm nada a nos dizer?

7. Como agir em meio a tantos desafios?

Aqui entra o discipulado e o ser missionário de todos os cristãos. Como ser discípulo? Como ser Missionário? (É preciso olhar bem o anexo 2. Conteúdos e metodologia da missão. Há aí indicações preciosas!). Também o que se diz no documento de participação sobre os *construtores da sociedade* (nº 86) deveria entrar aqui. Aliás, Puebla tem quatro indicações que parecem conservar o seu valor: 1) profética (evangélica) opção preferencial e solidária pelos pobres; 2) opção pelos jovens; 3) opção pelos construtores da sociedade; 4) opção pela defesa dos direitos humanos fundamentais. Será que não deveriam ser retomadas com novo elã?

Quando o documento de preparação fala como objetivo final da V Conferência o desencadear de uma *Grande Missão Continental*, não se deveria, antes, pensar num *Grande Diálogo Ecumênico Inter-religioso Continental*? Objetivo desse diálogo deveria ser o *Mundo* atual latino-americano e caribenho, exaltando as duas posturas cristãs fundamentais, quais, a *Justiça e o Amor*. Falar de Missão é falar da Igreja *ad intra*. Não chegou o momento de um *diálogo evangelizador ad extra*? Paraphraseando o que Puebla diz em seu nº 1305, creio que poderíamos dizer o seguinte: O ser pastoral de nossas Igrejas exige que estejamos em permanente processo de diálogo, escutando, aprofundando e encarnando a Palavra de Deus. Uma Igreja dialogante que testemunha, proclama e celebra a Palavra de Deus, o Evangelho, Jesus Cristo na vida, o Espírito Santo como Alma. Uma Igreja ou Igrejas que ajudam a construir uma nova sociedade em total fidelidade a Cristo e aos seres humanos no Espírito Santo, denunciando as situações de injustiça e desamor, chamando a todos ao compromisso de uma ação transformadora do mundo. E continuando já com o documento de preparação (nº 164), nossos povos não querem andar por

sombras de morte, mas querem a vida que, nós sabemos, brota do Coração ardente do Senhor Jesus.

7.1. Descristianização possível da América Latina. Temos que ter cuidado com a situação de secularismo que passa a América Latina. A Europa passou por este processo e hoje o cristianismo não é mais referência. Precisamos fortalecer bem o CELAM. É necessário dar mais lugar ao Episcopado Brasileiro e que o CELAM assuma suas funções prescritas desde o início. Não pode a CAL (Comissão para a América Latina) absolver o CELAM.

7.2. Seria agora muito bom e útil comparar estas observações feitas com o conteúdo do documento de preparação.

**Aloísio Card. Lorscheider*
Arcebispo de Fortaleza (1973-1995);
Arcebispo Emérito de Aparecida-SP.